Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores Municipais de Canoas - RS

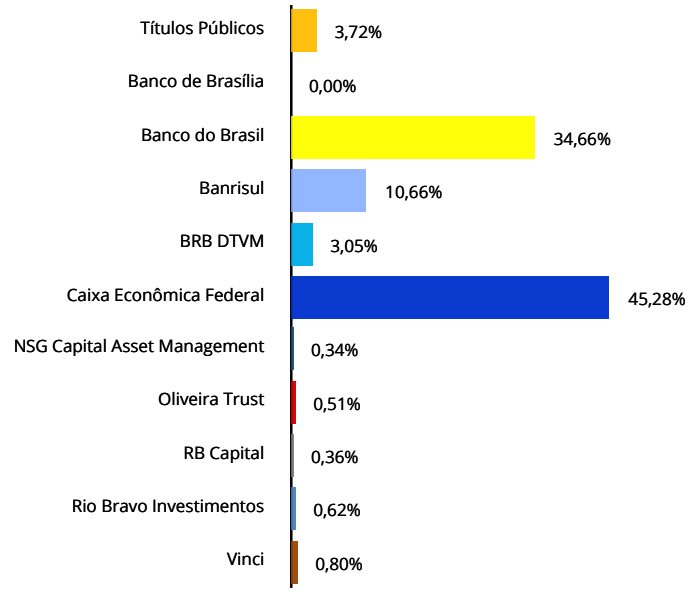
Relatório da Carteira de Investimentos

JANEIRO

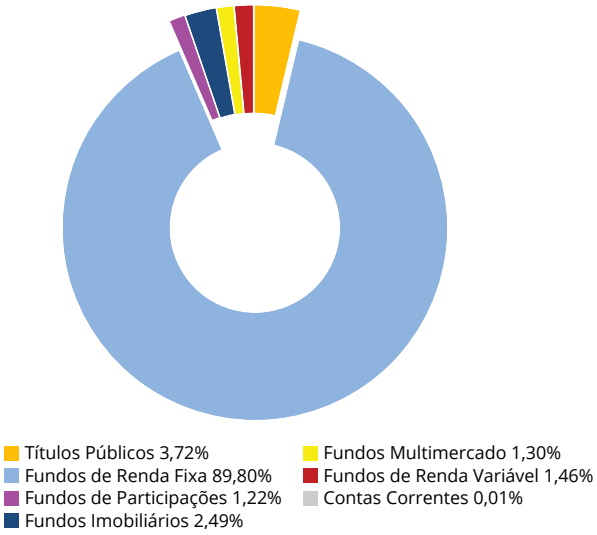
Os recursos do CANOASPREV são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência.

A diretoria do Instituto, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos. Neste mês a carteira de investimentos está distribuida da seguinte forma:

Distribuição da Carteira por Instituição Financeira



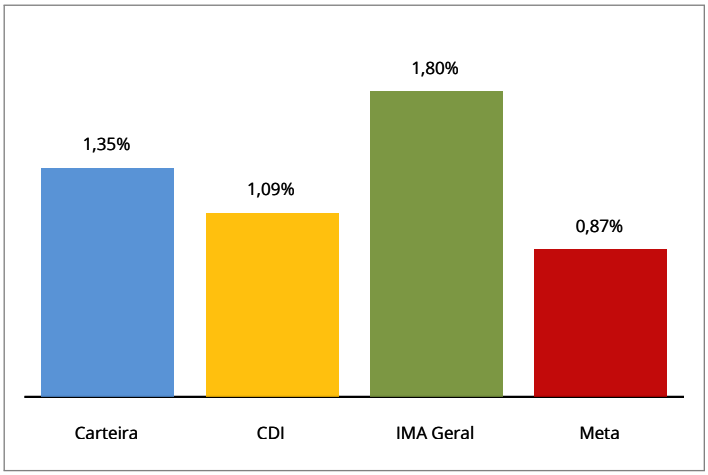
Distribuição da Carteira por Segmento



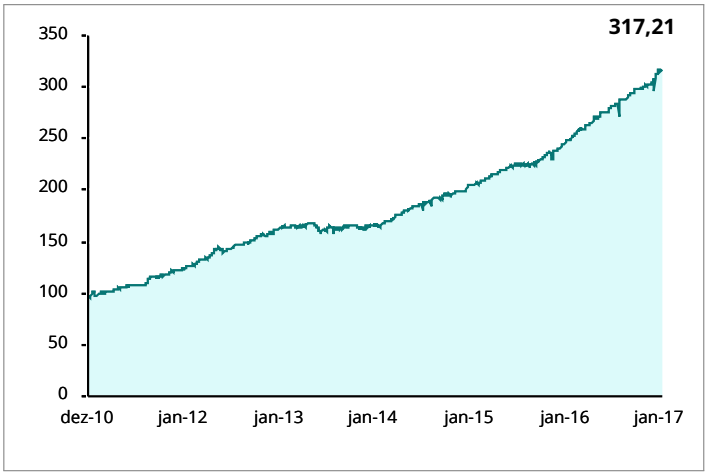
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 252 DIAS ÚTEIS
CANOASPREV	**1,35%**	**1,35%**	**15,18%**
CDI	1,09%	1,09%	13,98%
IMA Geral	1,80%	1,80%	20,20%
Meta Atuarial - IPCA + 6 %	0,87%	0,87%	11,57%

Carteira x Indicadores em 2017



Evolução do Patrimônio (em R$ Milhões)



Análise de Desempenho: A carteira do CANOASPREV tem como principal objetivo superar a Meta Atuarial.

SMI Consultoria de Investimentos
Fone: 48 3037 1001
www.smiconsult.com.br

Análise Macroeconômica

Em janeiro, todo o mercado ficou em compasso de espera pela posse de Donald Trump e suas primeiras medidas. Sem meias palavras, o novo presidente americano começou anunciando protecionismo comercial e indicando que deve haver grande piora das relações diplomáticas dos Estados Unidos com os demais países. Trump prometeu renegociar o Nafta (acordo de livre comércio entre países da América do Norte) e decidiu deixar de fazer parte da Parceira Transpacífico (TPP em inglês), que, na prática, ainda não tinha começado a vigorar. A postura do presidente em relação a outros países e seus chefes de estado tem sido duramente criticada, por ser conflituosa e contrariar preceitos básicos de diplomacia. O protecionismo comercial e a política fiscal prometidos por Trump não são estratégias saudáveis de busca pelo crescimento econômico. Quanto à política fiscal, efetivamente, os primeiros sinais de Trump foram bastante modestos. Os dados da economia divulgados mostraram forte atividade, o que reforça a perspectiva de três altas de juros ao longo deste ano (junho, setembro e dezembro).

Na Área do Euro, a política monetária foi mantida, com juros e programa de compra de ativos inalterados. O presidente do Banco Central Europeu ainda não sinalizou mudanças em seu programa de estímulo monetário, pois afirmou que o grau atual é "apropriado".

Na China, o resultado do PIB do último trimestre de 2016 ficou um pouco acima do esperado, em 6,8% (o mercado esperava 6,7%). No ano, o resultado ficou em 6,7%, bastante próximo ao que o governo havia anunciado para o período. O cenário para a China permanece nebuloso, pois, por um lado, os dados mostram uma economia relativamente estável, mas por outro, todo o mercado entende que os dados chineses são pouco confiáveis.

O recesso do Congresso tornou janeiro um mês mais tranquilo, em que foi possível observar os principais resultados advindos da mudança de equipe econômica e da melhora de articulação política por parte do governo. Os indicadores de inflação dos últimos meses cederam para muito abaixo do esperado até pelos analistas mais otimistas. A inflação não apenas caiu com força, como os indicadores relativos à sua composição mostraram uma melhora significativa em sua tendência. A inflação surpreendentemente mais baixa foi consequência da política monetária austera e corretamente implementada pelo Banco Central (liderado por Ilan Goldfajn), além de algum impacto positivo decorrente da aprovação da PEC do teto de gastos. No gráfico ao lado, é possível ver a surpresa inflacionária dos últimos quatro meses de 2016. Estes indicadores fizeram com que revisássemos nossa projeção de inflação de 2017 de 5% para 4,5%, em linha com a meta estabelecida para este ano – vale notar que o Brasil não tem a inflação de um ano no centro da meta desde 2007.

A redução da inflação, aliada a indicadores ruins de atividade econômica, fizeram com que o Comitê de Política Monetária decidisse reduzir a meta da taxa Selic de maneira bem mais intensa do que nós e a maior parte do mercado esperava: o juro foi cortado de 13,75% para 13% – provavelmente, esta foi a primeira excelente notícia econômica dada pelo governo Temer à população em geral. A sinalização realizada por Ilan é de que os juros devem continuar caindo rapidamente. Esperamos que a Selic seja reduzida a 9% ao final de 2017. A queda dos juros e a melhora da confiança (que voltou a crescer em janeiro) serão os principais vetores de retomada do crescimento em 2017. Neste contexto, revisamos para baixo nossa projeção de crescimento do PIB deste ano, de 4% para 2,5%, devido à piora da expectativa dos indicadores referentes ao final de 2016.

Os próximos passos que precisam ser dados tendem a ocorrer em um ambiente de maior confiança. A polêmica e indispensável Reforma da Previdência deve ser aprovada entre julho e agosto deste ano. Por mais que a maior parte da população não aceite, a realização desta reforma é um passo duro, mas que precisa ser dado. A sua não realização traria como consequência uma economia mais fragilizada, além de um forte aumento da carga tributária, dos juros e da inflação.

O principal risco em nosso cenário continua sendo as consequências da Operação Lava Jato. Sem dúvida, o combate à corrupção é muito importante para o país, mas a possibilidade de nomes importantes do governo Temer serem pegos pela operação é um fator que pode atrapalhar a aprovação da Reforma da Previdência.

Renda Fixa

As atitudes do Trump vem causando apreensão nos mercados e desconforto nas relações com governos de grandes economias, como o britânico e o alemão. Como poderia se esperar, Trump vem cumprindo o prometido, saindo da Parceria Transpacífico (TPP), reafirmando a construção do muro na fronteira com o México e revisando alguns termos no Nafta (conforme detalhado anteriormente). No Brasil, o Banco Central cortou os juros em 75 pontos percentuais,

quando a maioria do mercado apostava em um corte de 50 pontos. A mão mais forte do Bacen se baseou em um cenário desinflacionário intenso, na expectativa de lenta recuperação da economia e no aumento do desemprego.

Com a surpresa causada pela decisão do Copom, a curva de juros teve um movimento intenso de fechamento que se prolongou até o fim mês. A curva se manteve mesmo com o maior grau de tensão causado pelas incertezas nos EUA e pelo conteúdo, ainda desconhecido, da delação dos executivos da Odebrecht. As declarações do Banco Central sobre a continuidade do ciclo de afrouxamento monetário, as expectativas de inflação cada vez mais ancoradas e a possibilidade de redução da meta do IPCA para os próximos anos foram os eventos que sustentaram esse movimento da curva, que não parece ter sido afetado pelo pessimismo de parte do mercado.

As atitudes de Trump se refletiram no enfraquecimento do dólar. Além disso, o corte nos juros colaborou para a queda da moeda americana. Como consequência, o dólar fechou janeiro com queda de 4,05%, cotado a R$ 3,127.

Renda Variável

O ano de 2017 começou bem para os ativos de risco de forma geral, tanto aqui no Brasil quanto no exterior. Em princípio, sobressaíram-se os mercados emergentes (devido à boa valorização das commodities), subindo 5,89% em média, enquanto os desenvolvidos valorizaram 2,33%. A Europa e os Estados Unidos evidenciam cada vez mais melhoras em suas atividades econômicas, o que alivia momentaneamente os riscos implícitos à posse de Donald Trump. No Brasil, o recesso parlamentar, o rali das commodities e a trajetória de queda da inflação e dos juros favoreceram os movimentos dos mercados acionários, garantindo uma alta de 6,67% ao Ibovespa. Ainda que riscos como a delação premiada dos executivos da Odebrecht e a continuidade das medidas de austeridade fiscal estejam latentes, prevalece o bom direcionamento da equipe econômica em relação aos rumos da atividade econômica (que se fortalece para o médio prazo).